

BUA  
VOLUME  
102

ISSN: 0871-0759

# REVISTA DE GVIMARÃES

1992



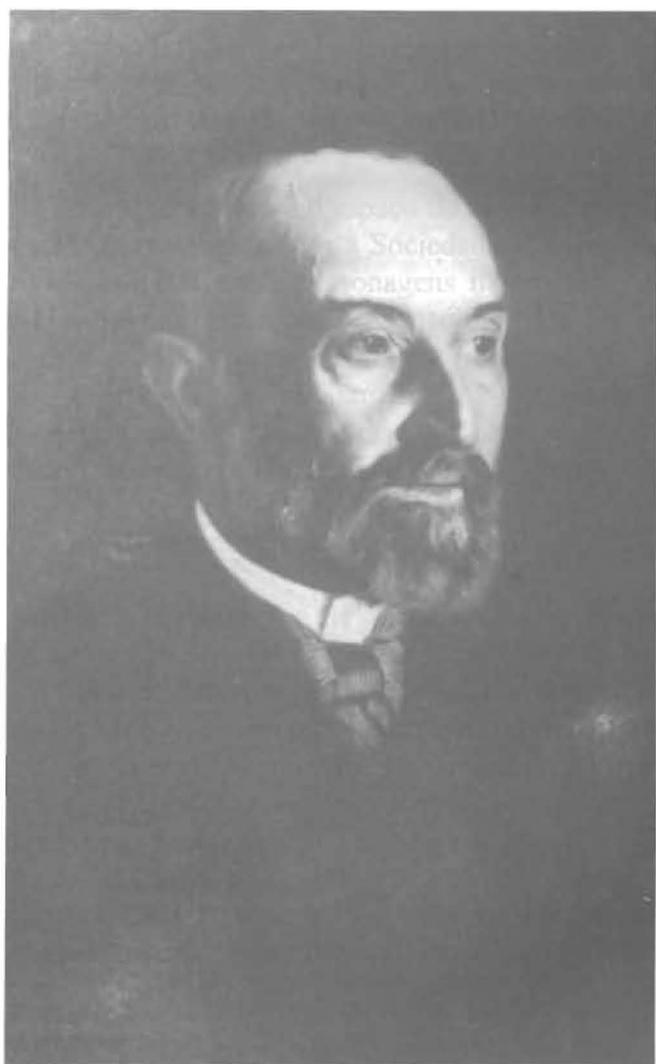


## ÍNDICE

### Revista de Guimarães — 1992

|   |     |
|---|-----|
| HÉLIO OSVALDO ALVES, <i>Breves Reflexões Sobre o Acto Cultural</i> .....          | 11  |
| PRESIDENTE DA SOCIEDADE MARTINS SARMENTO, <i>Palavras de Abertura</i> .....       | 23  |
| HÉLIO OSVALDO ALVES, <i>Breves Palavras</i> .....                                 | 33  |
| LÚCIO CRAVEIRO DA SILVA, <i>Antero de Quental na Filosofia do seu Tempo</i> ..... | 39  |
| ANTÓNIO M. B. MACHADO PIRES, <i>Evocação de Antero e o Romantismo</i> .....       | 51  |
| VICTOR DE SÁ, <i>Antero de Quental Ontem e Hoje</i> .....                         | 75  |
| NUNO GRANDE, <i>Antero e a Circunstância</i> .....                                | 95  |
| LUÍS REIS TORGAL, <i>Antero e o "Integralismo"</i> .....                          | 117 |
| FERNANDO CATROGA, <i>Política, História e Revolução</i> .....                     | 143 |
| NORBERTO CUNHA, <i>Ciência, Cientismo e Metaciência</i> .....                     | 207 |
| ALBERTO PIMENTA, <i>Antero de Quental: Método Paradoxal, Pontual</i> .....        | 247 |
| JOAQUIM MATOS, <i>Incidências da Obra e da Acção de Antero</i> .....              | 267 |
| CAMILO RIBEIRO, <i>Estética e Criatividade</i> .....                              | 293 |
| XESÚS ALONSO MONTERO, <i>Antero de Quental Traducido por Curros Enríquez</i> .... | 307 |
| ANA MARIA ALMEIDA MARTINS, <i>Antero de Quental e Alberto Sampaio</i> .....       | 319 |
| JOSÉ M. AMADO MENDES, <i>Alberto Sampaio: Um Observador Arguto</i> .....          | 345 |
| FRANCISCO DE SANDE LEMOS, <i>Alberto Sampaio na Arqueologia do seu Tempo</i> .... | 369 |
| MANUELA MARTINS, <i>"As Vilas do Norte de Portugal"</i> .....                     | 387 |
| JOSÉ VIRIATO CAPELA, <i>Alberto Sampaio e a Alternativa Paroquial</i> .....       | 411 |
| ALBERTO FARIA FRASCO, <i>Alberto Sampaio Precursor dos Vinhos Verdes</i> .....    | 445 |
| EMÍLIA SAMPAIO NÓVOA FARIA, <i>Alberto Sampaio e Martins Sarmiento</i> .....      | 459 |
| PRESIDENTE DA SOCIEDADE MARTINS SARMENTO, <i>Palavras de Encerramento</i> .....   | 471 |
| SOCIEDADE MARTINS SARMENTO, <i>Programa do Ciclo "Pensar os Pensadores"</i> ....  | 479 |

**Francisco de Sande Lemos**



ALBERTO SAMPAIO  
NA ARQUEOLOGIA DO SEU TEMPO

---

**Francisco de Sande Lemos\***

1. Pela segunda vez, no espaço de um ano, temos a grata oportunidade de colaborar com a Sociedade Martins Sarmento, em actos de homenagem a personagens ilustres que deixaram um sulco profundo nos labores da arqueologia. Em Fevereiro do corrente ano (1991), numa cerimónia realizada na sede da Sociedade, evocámos Martins Sarmento e a sua dimensão como investigador europeu. Na presente sessão recordamos um outro investigador, nascido em Guimarães, Alberto Sampaio, que pela sua vida e obra foi um homem profundamente enraizado numa das mais antigas, homogéneas e belas regiões de Portugal: o Minho.

Lembrar a memória de arqueólogos e historiadores falecidos há muitas décadas não é um ritual obsoleto, uma nova versão do culto dos antepassados. Não é uma praxe saudosista, nem uma atitude conservadora. Pelo contrário, é uma tarefa indispensável. Por vários motivos. Em primeiro lugar porque a descoberta das genealogias intelectuais, dos percursos cognitivos especificamente portugueses, não é um esforço vão. Em segundo lugar porque a obra desses estudiosos encerra contributos originais, que o avanço dos conhecimentos ainda não logrou ultrapassar. E, ainda, porque rareiam os textos sobre

---

\* Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

a história da arqueologia portuguesa, sobre os paradigmas epistemológicos que a norteiam, acerca dos processos de continuidade e ruptura que se sucederam no quadro evolutivo da disciplina.

Que dizer de uma arqueologia que descure a sua própria "arqueologia"?

Nestes últimos anos dedicámos vários trabalhos à história da Arqueologia nacional (LEMOS 1985; 1987, 5-12; 1988, 42-56; 1989, 91-110; 1991a; 1991b), e temos insistido na necessidade de se estabelecerem filiações, de reconstruir uma memória epistemológica bem documentada. A predominância de textos meramente arqueográficos na bibliografia portuguesa da especialidade é, talvez, um produto da ausência de uma memória cognitiva reconhecida e assumida como tal.

Nesta nossa breve intervenção, neste ciclo organizado pela Sociedade Martins Sarmiento, vamos abordar a vida e obra de Alberto Sampaio, situando a sua trajetória individual na Arqueologia do seu tempo e realçando o seu contributo para o avanço dos conhecimentos numa área muito específica dos estudos da Arqueologia, área que assume uma importância crescente no quadro global da disciplina por toda a Europa: a Arqueologia da paisagem (Landscape Archaeology; Archéologie des Paysages Anciennes)<sup>1</sup>.

2. A biografia de Alberto Sampaio é conhecida. As diferentes etapas da sua vida foram recordadas por diversos autores, mais aptos e dotados do que nós para tal missão (MAGALHÃES 1923 I-XXIV; MAGALHÃES LIMA 1924; CARDOZO 1941, 185-196; TRINDADE 1963, III-XXXII; NÓVOA 1988,125). Pela

---

<sup>1</sup> O desenvolvimento deste tipo de estudos na Itália, Inglaterra e na França tem produzido uma numerosa bibliografia. Para uma perspectiva genérica podem consultar-se as seguintes obras: "Les Paysages de l'Antiquité", de Gérard Chouquer e François Favory; "Misurare la Terra" (vários autores); "Interpreting the Landscape" de Michael Aston.

nossa parte vamos apenas estabelecer um paralelo entre os principais momentos do seu percurso individual, segundo o que se pode deduzir dos textos biográficos disponíveis, e os quadros evolutivos da Arqueologia portuguesa.

Nos anos 40 do século XIX, década em que nasce o ilustre vimaranense, fecha-se o ciclo das guerras civis. Um novo sistema constitucional e político emerge das ruínas do Antigo Regime. O romantismo procura, entre os escombros do Império e da velha ordem, o povo português e a identidade nacional. Almeida Garrett escreve as "Viagens na Minha Terra", editadas em 1843. Alexandre Herculano salva e reúne arquivos, preparando a sua "História de Portugal", cujo primeiro volume é impresso em 1846 (FRANÇA 1974, 302-307). Sob o alto patrocínio de uma figura política de renome, o Duque de Palmela, é fundada, em Setúbal, no ano de 1848, com pompa e circunstância, a primeira agremiação de Arqueologia do nosso país, a Sociedade Lusitana, consagrada ao estudo das ruínas romanas de Tróia (MACHADO 1962, 119-145). Um ano antes, em Paris, Boucher de Perthes publicava as "Antiguidades Célticas e Ante-Diluvianas", obra que inaugura a Arqueologia Pré-Histórica e que confere uma nova dimensão temporal à história das sociedades humanas (LAMING-EMPERAIRE 1961, 158-175).

Na década seguinte, durante a qual Alberto Sampaio frequenta o Liceu de Braga e se matricula na Faculdade de Direito de Coimbra (1858), ocorrem acontecimentos decisivos na construção de um arquitectura institucional vocacionada para o conhecimento do espaço e do tempo portugueses. O projecto de descobrir o Homem e a Terra, de alcançar as raízes e as origens, assume formas pragmáticas. Funda-se a Comissão dos Trabalhos Geodésicos que vai quadricular o país, estabelecendo as bases cartográficas em que vão assentar os futuros estudos de Arqueologia. Em 1857 é nomeada uma Comissão dos Trabalhos Geológicos, em cujo seio vão colaborar dois pioneiros dos

estudos de Arqueologia no nosso país: o professor do Instituto Politécnico, Francisco Pereira da Costa (1809-1898) e o Coronel Carlos Ribeiro (1813-1882), antigo combatente liberal homógrafo. A fechar a década, em 1859, sai a lume a primeira edição das "Origens das Espécies", de Charles Darwin.

Enquanto se delineavam algumas traves mestras do quadro institucional, de onde vai emergir a Arqueologia portuguesa, opera-se, a outro nível, um processo drástico de mudança.

No dobrar da década a juventude, que frequentava Coimbra, manifesta a sua ruptura com os valores tradicionais, procura novas filosofias, novos estilos literários, projecta revolucionar a cultura portuguesa. E interessa-se, também, pelas origens: "E outro bom sinal do despertar do espírito philosophico era a nossa preocupação ansiosa das Origens. Conhecer os princípios das civilizações primitivas constituía então em Coimbra um distintivo de superioridade e elegância intelectuais". Este é o depoimento de Eça de Queirós, registado no seu contributo para o livro *In Memoriam de Antero de Quental* (1986, 486).

Estabelece-se, assim, de forma mais ou menos explícita, mais ou menos difusa, um projecto colectivo de pesquisa filosófica e científica das matrizes mais profundas da vida espiritual e social do nosso povo, da "alma mater" portuguesa.

Alberto Sampaio, com seu irmão José, está ao lado de Antero de Quental, de Teófilo Braga, de Eça de Queirós, nas movimentações estudantis de Coimbra, na oposição à ideologia e saber tradicionais, na vontade de construir um novo conhecimento (FRANÇA 1974, 583-584; 839-873).

Em 1863, Alberto Sampaio conclui a sua formatura e ensaia uma carreira profissional em Lisboa. Em seguida viaja pelo estrangeiro para depois regressar ao Norte, estabelecendo-se em Guimarães, onde estavam as suas raízes. Curiosamente, no mesmo ano em que Alberto Sampaio se licenciou em Direito, foi criado em Lisboa o embrião do que seria a futura Real

Associação dos Architectos Civis e dos Archeólogos (1872), presidida por Possidónio da Silva (1808-1896) (SÃO PAIO 1939). Nestes anos 60 "começam a realizar-se anualmente trabalhos de prospecção e escavação em grutas, concheiros e antas, promovidos pela Comissão Geológica, na península de Lisboa e no vale do rio Tejo" (LE MOS 1989, 92). São publicadas as primeiras memórias, com texto bilingue (português-francês) e com gravuras de prodigiosa qualidade, "belíssimas estampas reproduzindo croquis, cortes e espólio" (LE MOS 1989, 92). São autores desses trabalhos Francisco Pereira da Costa e Nery Delgado (oficial superior do Exército e geólogo). Os títulos são elucidativos: "Da existência do homem em epochas remotas no Vale do Tejo — Notícia sobre os esqueletos humanos descobertos no Cabeço da Arruda"; "Da existência do homem no nosso solo em tempos mui remotos provada pelo estudo das cavernas — Notícia acerca das Grutas de Cesareda". Mas, na verdade, os estudos de Arqueologia, a pesquisa concreta das origens, das "civilizações primitivas", estavam limitados ao sul.

Tais estudos só nos anos 70 se difundem por todo o país. Ora, no Norte, o centro inovador, é precisamente Guimarães, a cidade onde Alberto Sampaio nascera, onde vivia e possuía profundos laços familiares e de amizade.

Em 1875, na bacia do rio Ave, no cume do Monte de S. Romão, principiam as escavações da Citânia de Briteiros, abrindo-se assim as portas ao conhecimento da Proto-História desta finisterra peninsular. Em 1877 reúne-se em Guimarães a Conferência da Citânia, que atrai à cidade os principais antiquários e eruditos da época, que aliás pouco poderiam ensinar a Martins Sarmiento, tal como este próprio depois reconheceu, numa carta particular, num tom em que se misturam uma leve desilusão e um sarcasmo elegante (LE MOS 1985). Em 1878 inicia-se o estudo do Castro de Sabroso. Com um prestígio nacional assegurado pela continuidade das escavações, pela

perseverança dos estudos e pela actualidade das leituras, a excursão ao Norte dos Congressistas de 1880 (IX Sessão do Congresso de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas, celebrada em Lisboa) consagra Martins Sarmiento e reconhece Guimarães como uma das cidades da Europa onde se desenvolvia um processo inovador no capítulo da Arqueologia (LEMOS 1988, 272-286). Deslocam-se à Citânia alguns dos mais importantes nomes da Arqueologia europeia. De regresso aos seus países, divulgam a existência de uma civilização proto-histórica específica do Noroeste Peninsular.

Na lista dos participantes inscritos no Congresso de 1880, não figura Alberto Sampaio. Mas, tudo indica, que terá acompanhado de perto a Excursão à Citânia, dados os laços de amizade que mantinha com Sarmiento.

As décadas seguintes, os anos 80 e 90 do século XIX, são uma época de ouro, que nunca mais se repetiu na história da nossa Arqueologia. Em 1881 Oliveira Martins publica "As Raças Humanas". Em 1882 é instituída a Sociedade Martins Sarmiento, contando-se Alberto Sampaio entre os sócios fundadores (CARDOZO 1941). Em 1883 é impressa a primeira edição do livro de Oliveira Martins "Quadro das Instituições Primitivas". Em 1884 sai a lume o primeiro número da Revista de Guimarães. Em 1886 publicam-se as "Antiguidades Monumentais do Algarve", da autoria de Estácio de Veiga, um dos congressistas portugueses que visitara a Citânia em 1880. No estrangeiro, no mesmo ano de 1886, é impresso em França o livro de Émile Cartailhac "Les Âges Pré-Historiques de l'Espagne et du Portugal", obra em que é dado grande relevo às descobertas de Martins Sarmiento. Em 1887 funda-se, no Porto, a Sociedade Carlos Ribeiro, que vai editar a revista de Ciências Naturais e Sociais, em que colabora Alberto Sampaio (ROCHA PEIXOTO 1975, 245-265 e 276-280).

No Norte, os estudos de arqueologia extravasam para o interior, sob a influência de Guimarães. No Nordeste Transmontano,

em 1887, com o patrocínio e o apoio financeiro de Martins Sarmiento, o professor de Liceu Henrique Pinheiro realiza escavações arqueológicas nas ruínas da *Civitas Zoelarum* (Castro de Avelãs), descoberta que tem um grande eco em terras brigantinas.

Em 1893 surge o Museu Etnológico de Lisboa e, no ano seguinte, inicia-se a edição do Arqueólogo Português, sob a direcção de Leite de Vasconcelos. Em 1897 é impresso o primeiro volume das "Religiões da Lusitânia". A terminar a década (1899) inicia-se a publicação da revista Portugália, sob a égide de Rocha Peixoto e de Ricardo Severo.

É durante estas duas décadas que a obra de Alberto Sampaio se delinea e toma forma. Publica diversos textos sobre economia rural em duas revistas dirigidas por Oliveira Martins: a "Província" (1885) e o "Repórter" (1888) (SILBERT 1972, 275). Os primeiros esboços e fragmentos do seu estudo sobre as Vilas do Norte de Portugal são divulgados: primeiro em 1892 na Revista de Portugal, fundada por Eça de Queirós; de 1893 a 1897 na Revista de Guimarães; e em 1895 na revista de Ciências Naturais e Sociais, editada pelo grupo liderado por Rocha Peixoto.

Em 1897 este último convida Alberto Sampaio para colaborar num novo projecto — a Portugália —, convite aceite com entusiasmo. Com efeito, dois anos depois (1899), no I volume desta revista sai a lume a versão definitiva das "Vilas de Norte de Portugal".

Nesse mesmo ano (1899), porém, morrem Martins Sarmiento e José Sampaio. Abalado pela morte do seu grande amigo e do seu irmão, Alberto Sampaio retira-se de Guimarães, passando a dividir a sua vida entre a Quinta de Boamense e a cidade do Porto. Pelo que se pode deduzir da correspondência trocada entre Sampaio e Rocha Peixoto, publicada por Manuel Monteiro (1941), o projecto da Portugália estreitou os laços de amizade e de colaboração entre os dois investigadores. Um novo

trabalho de Alberto Sampaio "As Póvoas Marítimas" é preparado para ser impresso na Portugalia. Quando a morte o surpreende aos 67 anos de idade, a 1 de Dezembro de 1908, redige os últimos capítulos dessa nova obra.

3. A obra de Alberto Sampaio, em especial, o seu trabalho de maior eco, as "Vilas do Norte de Portugal" revela uma abordagem global, sincrética e multi-disciplinar dos fenómenos históricos.

Na sua obra mestra confluem e articulam-se as múltiplas facetas de um intelecto profundo e variado. No seu interesse pelo regime de propriedade pode adivinhar-se a formação académica, o jurista. Na valorização da dinâmica social o contributo dos pensadores franceses que tanto influenciaram a chamada Geração de 70. Na utilização sistemática dos mais antigos documentos escritos a lição de Herculano e o interesse pelas raízes da nacionalidade, próprio dos românticos. Na amplitude dos conhecimentos da Arqueologia reconhece-se a sua intimidade com as pesquisas e as problemáticas científicas que Sarmiento tinha estabelecido.

Hoje, passado quase um século sobre a edição da forma definitiva das "Vilas do Norte de Portugal", é forçoso reconhecer que parte dos conceitos operativos utilizados por Alberto Sampaio no âmbito da arqueologia perderam eficácia ou estavam errados (ALARCÃO 1980, 171-179). O conhecido tema da história das paróquias teve assinaláveis desenvolvimentos em estudos posteriores (MATOSO 1985, 37-56).

Numa conferência proferida em Guimarães, no passado dia 12, integrada no ciclo de conferências que hoje se encerra, a doutora Manuela Martins analisou em detalhe, na óptica da Arqueologia e à luz dos conhecimentos actuais, a obra mestra de Alberto Sampaio, retomando alguma das questões colocadas na "Vilas do Norte de Portugal" (MARTINS 1991).

Não pretendemos voltar a evocar os mesmos temas abordados pela professora doutora Manuela Martins.

De passagem apenas sublinhamos que algumas das hipóteses levantadas por Alberto Sampaio não podem ser negadas sem um exame demorado dos dados disponíveis, tal como ficou demonstrado na referida conferência. Aliás, os dados arqueológicos são, por ora, insuficientes. O número de escavações em *villae* é limitado. E as poucas que tiveram lugar confirmam aparentemente algumas ideias de Sampaio. Por exemplo as escavações de Dume permitiram verificar que o templo do século VI foi fundado sobre uma *villa* romana, e que as sucessivas e posteriores reconstruções do século IX, da época romana, e do século XVIII, mantiveram o centro religioso paroquial (FONTES 1987, 111-148). Também as sondagens que efectuámos numa *villa* dos arredores de Chaves, no lugar da Granjinha, revelaram que sob a *villa* romana, que sobreviveu até ao século VI, se fizeram enterramentos e sobre estes foi erguido um templo românico (LEMOS 1988-89). Aliás, a mesa do altar da capela assentava sobre uma ara consagrada aos deuses tutelares dos Aquiflavienses. Mas já, noutras *villae*, como a de Caxinas, no concelho de Vila de Conde, não se verifica continuidade.

Tal como afirmámos não é nosso intuito retomar aqui o tema da continuidade e ruptura de *habitat*, questão assaz complexa, que se tem quase sempre equacionado, mais a partir das teses que cada autor defende, do que da análise circunstanciada dos novos dados disponíveis.

Queremos, sobretudo, realçar um aspecto da obra de Alberto Sampaio, pouco desenvolvido, mas que é de vital interesse para os estudos de arqueologia. Segundo julgamos apenas Albert Silbert, que considerou Sampaio como "uma das maiores personalidades do século XIX português" (SILBERT 1972, 276), dedicou maior atenção a esse aspecto, embora numa perspectiva da história do pensamento do século XIX e dos

estudos sobre a história rural e o colectivismo agrícola. Albert Silbert estabelece justificados paralelos entre Oliveira Martins e o pensador vimaranense, embora reconhecendo a superior profundidade dos conhecimentos deste último sobre o mundo rural (SILBERT 1972, 277-278).

Também os etnólogos apontaram o contributo original de Alberto Sampaio para o estudo do chamado Comunitarismo Agro-Pastoril, que levaria Jorge Dias a estudar duas aldeias nortenhas: Vilarinho das Furnas (na serra Amarela-Minho) e Rio de Onor (na distante raia da Terra Fria Nordestina). Na monografia sobre Rio de Onor, Jorge Dias refere-se ao "magnífico estudo de Alberto Sampaio" (1981, 28).

Ora o conhecimento profundo que este último dispunha acerca do mundo rural, dos seus ritmos e dos seus arcaísmos, alicerçava-se na sua própria experiência directa, como administrador das propriedades agrícolas que herdara, numa das quais passava largas temporadas. Em 1923, Luís de Magalhães, no prefácio à edição dos Estudos Históricos e Económicos, sintetiza a atitude de Alberto Sampaio, em algumas linhas já várias vezes citadas, mas que julgamos útil repetir uma vez mais:

"Por fim recolheu à sua casa do Minho, onde o chamavam interesses e cuidados agrícolas. Com a sua insaciada curiosidade, o seu feitio estudioso e observador, o seu interesse por todos os problemas concretos, — o trato da terra tornou-o um proprietário culto de uma ilustração rara. Este bacharel em direito, com gostos literários, fez-se a si próprio um agrónomo e, mais especialmente, um viticultor e enólogo distinto.

Mas, no meio das fainas agrícolas, assistindo à rítmica sucessão dos trabalhos rurais, observando as relações das classes, meditando na toponímia local, no arcaísmo imemorial dos processos de cultura, nas divisões e subdivisões dos prédios, na terminologia técnica, nos usos e costumes seculares da vida agrícola, — o seu espírito inquiridor e reflexivo via em torno de

si todo um mundo de problemas, de obscuridades históricas, cujo mistério o tentava fortemente" (MAGALHÃES 1923, 10 e 11).

Ora a reflexão de Alberto Sampaio sobre o sistema agrário do Minho, não é apenas um ensaio de história rural, como pretendeu Albert Silbert (1972, 280).

Sem ter realizado escavações, ao que sabemos, Sampaio possuía um entendimento claro dum princípio essencial à arqueologia como disciplina científica. O chamado princípio da sobreposição das camadas, axioma que aquela disciplina foi buscar à geologia (LAMING-EMPERAIRE 1961, 190). Enquanto o seu amigo Martins Sarmiento definia uma estratigrafia cultural, a sobreposição de uma nova ordem (Império Romano) sobre o mundo autóctone dos castros, Alberto Sampaio lia na estrutura agrária de Entre-Douro-e-Minho, épocas diferentes. Entre todos os estudiosos da época apenas ele dispunha da formação necessária e suficiente para tal, pois combinava um leque de saberes distintos com um profundo conhecimento da paisagem rural. Antes de Lautensach, geógrafo alemão, autor de uma célebre Geografia de Portugal; antes de Bouhier, geógrafo francês que produziu uma conhecida tese intitulada "La Galice. Essai de analyse et d'interpretation d'un vieux complexe agraire"; antes de Criado Boado, arqueólogo galego que se tem dedicado ao estudo da história da paisagem do Noroeste Peninsular; Alberto Sampaio reconheceu a profunda antiguidade do sistema agrário minhoto.

Mas não se limitou a um mero reconhecimento. Foi mais longe: esboçou uma estratigrafia da paisagem que atravessa toda a sua obra, em especial as Vilas do Norte de Portugal. Se lermos com atenção os capítulos III e VIII encontramos páginas em que se desenha uma verdadeira arqueologia da paisagem e se equaciona um conjunto de hipóteses, que nunca foram retomadas de forma adequada nos estudos posteriores, na investigação científica portuguesa.

Recentemente, na Galiza, partindo da obra de Bouhier, mas seguindo por caminhos próprios e originais, Filipe Criado Boado, elaborou uma teoria específica que distingue dois grandes momentos na organização da paisagem da Galiza: o megalitismo em que se organiza o espaço da montanha; a Proto-História em que se estrutura a paisagem das "Terra Bajas", das colinas e dos vales em torno dos castros (1989, 109-138). Para Criado Boado a romanização adaptou-se à estrutura pré-existente, que se consolidou no mundo medieval.

Alberto Sampaio, admitiu dois grandes momentos na organização do espaço de Entre-Douro-e-Minho: o período da Idade de Ferro, com uma economia essencialmente pastoril; uma profunda transformação operada com o lançamento de uma rede de *villae* e casais agrícolas, sob o Império Romano (SAMPAIO 1923, 31-40 e 97-116).

São hipóteses interpretativas distintas.

Esta conferência não é o espaço indicado para uma análise pormenorizada dos argumentos aduzidos por Alberto Sampaio e por Criado Boado. Um confronto entre as duas hipóteses, tal como se situam à luz dos conhecimentos arqueológicos e paleo-ecológicos disponíveis, ocuparia muitas páginas.

Aliás, enquanto na Galiza os dados paleo-ecológicos e arqueológicos são abundantes (AIRA RODRIGUEZ *et alii*, 1989), pelo contrário escasseiam, no nosso país.

A terminar limitamo-nos a destacar um, entre os diversos conceitos operativos lançados por Alberto Sampaio. Referimo-nos à função que possuem na estrutura agrária as zonas de mato e monte, o *saltus*, que possui uma vocação múltipla: pastagens; lenha para combustível e aquecimento; biomassa utilizada nos campos lavrados para recuperação do seu equilíbrio químico (SAMPAIO 1923, 97-98).

Uma outra importante questão ilustra bem a perspicácia e a intuição do Alberto Sampaio.

No capítulo VIII Alberto Sampaio, sem avançar expressamente a hipótese do milho mais se ter instalado numa determinada faixa da estrutura agrária pré-existente, liga este novo vegetal com os cereais de Primavera, dando mais importância ao sistema de rotação do que à espécie, defendendo a antiguidade do sistema, que remontaria à época romana (SAMPAIO 1923, 102-103 e 116). Posteriormente diversos autores, entre os quais se destaca Orlando Ribeiro (1970, 301), defenderam a tese de uma profunda mudança paisagística introduzida pela cultura do milho maiz, tese que assentou arraiais. Recentemente Criado Boado, baseado em modernos estudos de história agrária, refutou essa hipotética revolução paisagística da Idade Moderna (1989, 112). Tudo indica que o novo produto se inseriu numa estrutura bastante mais antiga, substituindo o milho miúdo.

No sentido de desenvolver os estudos da arqueologia da paisagem, a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho vai lançar um projecto específico que tem por objectivo ensaiar uma reconstituição da estrutura paisagística da zona nuclear do Minho (região de Braga), numa perspectiva diacrónica, contando com uma equipa pluridisciplinar.

BIBLIOGRAFIA

Aira Rodriguez, M. J.; Saá Otero, P. & Taboada C., T. (1989) — *Estudios Paleobotánicos y Edafológicos en Yacimientos de Galicia*, Xunta da Galicia/Consellería de Cultura e Deportes, Coruña.

Alarcão, Jorge (1980) — As Villas Romanas do Norte de Portugal, *Actas do I Colóquio de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, 3, Guimarães, pp. 171-179

Aston, Michal (1985) — *Interpreting the Landscape*, Batsford, Londres.

Bouhier, A. (1979) — *La Galice. Essai de analyse et d'interprétation d'un vieux complexe agraire*, Poitier, 2 volumes.

Cardozo, Mário (1941) — Correspondência inédita de Alberto Sampaio, para Joaquim de Araújo, Martins Sarmiento, Oliveira Martins, Abade de Tagilde e Luís de Magalhães, *Revista de Guimarães*, 51 (3), Guimarães, pp 185-264.

Criado Boado, Filipe (1989) — Asentamiento Megalítico e Asentamiento Castreño: Una prupuesta de Síntesis, *Gallaecia*, 11, Santiago de Compostela, pp 109-138.

Chouquer, Gérard & Favory, François (1991) — *Les Paysages de L'Antiquité*, Editions Errance, Paris.

Dias, Jorge (1981) — *Rio de Onor. Comunitarismo Agro-Pastoril*, Ed. Presença, 2ª edição, 1981.

Fontes, Luís (1987) — O Salvamento Arqueológico de Dume — 1987: Primeiros Resultados, *Cadernos de Arqueologia*, Série 2, 4, pp 111-148.

França, José Augusto (1974) — *O Romantismo em Portugal*, 6 volumes, Livros Horizonte, Lisboa.

Laming-Emperaire, A. (1964) — *Origine de l'Archéologie Préhistorique en France*, ed. Picard, Paris.

Lemos, Francisco de Sande (1985) — A Conferência de 1877 na Citânia de Briteiros, *Cadernos de Arqueologia*, Série II, Braga, pp 195-214.

— (1987) — As Três Idades da Arqueologia Portuguesa, *Forum*, 2, Braga, pp 5-12

— (1988) — A Excursão ao Norte do IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas — 1880, *Forum*, 4, Braga, pp 42-56.

— (1988-89) — Sondagens na Villa Romana da Granjinha — Chaves, *Cadernos de Arqueologia*, 5, Braga, no prelo.

— (1989) — Arqueologia Portuguesa: Aspectos Históricos e Institucionais, *Forum*, 5, Braga, 91-110.

— (1991 a) — Martins Sarmento, *Revista de Guimarães*, no prelo.

— (1991 b) — Eduardo da Cunha Serrão e os anos 60-70 na Arqueologia do Sul de Portugal, *Forum*, 9-10, Braga, no prelo.

Lima, Jaime de Magalhães (1924) — *Alberto Sampaio e o Significado dos seus estudos na Interpretação da História Nacional*, Sociedade Martins Sarmento, Guimarães.

Machado, José Timóteo Montalvão (1962) — Como surgiu em Portugal a primeira Sociedade de Arqueologia, *Revista de Arqueologia e História*, 89, Lisboa, pp 119-145.

Magalhães, Luís de (1923) — Prefácio, *Estudos Históricos e Económicos de Alberto Sampaio*, I volume, 1ª edição, Lello & Irmão, Porto.

Martins, Manuela (1991) — As Vilas do Norte de Portugal de Alberto Sampaio, *Revista de Guimarães*, no prelo.

Mattoso, José (1985) — *A História das Paróquias em Portugal*, Portugal Medieval. Novas Interpretações, Imprensa Nacional, Lisboa.

Monteiro, Manuel (1941) — Correspondência Inédita de Alberto Sampaio para Rocha Peixoto, *Revista de Guimarães*, 51(4).

Nóvoa, Emília (1988) — Alberto Sampaio, 80 Aniversário da Morte do Historiador, *Boletim Cultural de Vila Nova de Famalicão*, 8, p. 125.

Peixoto, Rocha (1975) — A Sociedade Carlos Ribeiro, *Obras Completas*, 3º volume, pp. 245-265 e 276-280.

Queirós, Eça de (1896) — Um Génio que era um Santo, *Antero de Quental. In Memoriam*, Mathieu Lugan Editor, Porto.

Ribeiro, Orlando (1970) — *Ensaios de Geografia Humana e Regional*, Sá da Costa Editora, volume 3, Lisboa.

Ribeiro, Orlando & Lautensach, H. (1987-1990), *Geografia de Portugal*, 4 volumes, Sá da Costa Editora, Lisboa.

Sampaio, Alberto (1896) — Antero de Quental (Recordações), *Antero de Quental. In Memoriam*. Mathieu Lugan Editor, Porto.

— (1923) — *Estudos Históricos e Económicos*, 2 vols., Lello & Irmão, Porto.

Santos, Farinha dos (1980) — Estudos de Pré-História em Portugal, *Anais da Academia de História*, 26(2), Lisboa, pp. 253-290.

São Paio, Conde de (1938) — Associação dos Arqueólogos Portugueses, *Trabalhos da Associação dos Arqueólogos*, 4, Lisboa, pp. 9-33.

Silbert, Albert (1972) — O Colectivismo Agrário em Portugal, *Do Portugal de Antigo Regime ao Portugal Oitocentista*, Livros Horizonte, Lisboa, pp. 211-297.

Trindade, Maria José (1979) — Prefácio, *Vilas do Norte de Portugal de Alberto Sampaio*, 2ª edição, Editorial Vega, Lisboa.

Dezembro de 1991